

## HERMANN VON IHERING

*Formação integral de sábio, não trazia o primogênito do famoso romancista barão RUDOLPH VON IHERING e sua esposa Dona IDA CHRISTINA FROELICK, algum influxo do berço para a escolha da profissão em que se extremaria entre os mais insígnies.*

*Tudo faria prever seguisse HERMANN as pegadas do genitor, que abriu novas clareiras no estudo das ciências jurídicas. Não lhe tardou, todavia, a preferência para outros ramos científicos, a que se ajustava melhormente a sua vocação.*

*Nascido a 9 de outubro de 1850, em Kiel, mudou-se, com a família, para Giessen, e em seu ginásio concluiu o curso, por volta de 1868. Já então verificara não lhe ser do gôsto o modelo familiar e obstinadamente, em vez da Escola de Direito, conseguiu matricular-se na Faculdade de Medicina.*

*Por decisão própria, devotar-se-ia apenas à "filosofia natural", que o habilitasse às pesquisas ambicionadas.*

*Mas por atender às recomendações paternas, formou-se também em Medicina, que lhe proporcionaria mais seguros meios de subsistência.*

*Estudante ainda, viu-se colhido pela mobilização exigida pela guerra de 1870. Em vez, porém, de se incluir entre os combatentes, foi atuar em hospitais. E de tal maneira se houve, que lhe coube, ao f.m., a Medalha de Ouro do Mérito, além de classificação de soldado mais moço do exército alemão.*

*Tornando aos bancos acadêmicos, frequentou as aulas de VIRCHOW, cujos ensinamentos o encaminharam para as pesquisas antropológicas. Nas férias, conheceu o Museu e a Stazione Zoológica de Nápoles, antes de visitar Moscou, que lhe proporcionou a observação de fenômenos diferentes dos que lhes eram conhecidos.*

*Formado em 1876, estava legalmente habilitado a tratar da medicina e história natural. Começou a aplicar os seus conhecimentos como professor de Zoologia em Leipzig, mas em breve se afastou da cátedra, para continuar a vocação de pesquisador.*

*Como bem aquilatasse os trabalhos científicos de FRITZ MULLER, acantonado em reduto sulino, onde elaborava memórias apreciadas pelos sabedores, resolveu também assentar no Brasil o seu pósto de observação.*

*Casado em 1880, com Dona CLARA BELZER WOLF, cruzou, sem demora o Atlântico, em busca do Rio de Janeiro. Enquanto legalizava os papéis, apressou-se em visitar o Museu, que lhe requisitaria, mais tarde, a colaboração operosa. Achava-se, por essa época, no Rio Grande do Sul, onde conheceu C. VON KOSETRITZ, que o aproximou do jornalismo, e SILVEIRA MARTINS, de quem não resistiu ao influxo político.*

*Naturalizou-se brasileiro em 1885, quando residia na ilha, por êsse motivo denominada "ilha do Doutor", à foz do rio Camaquã, que lhe fornecia peixe para a alimentação e exames.*

*Com o sossôbro da monarquia, perdeu a comissão que lhe permitia continuar os trabalhos de naturalista arguto. Não obstante, perseverou, até que, em 1892, convidado pelo governo de São Paulo, aceitou a incumbência que se lhe ajustaria a primor.*

*Por essa época, chegavam ao termo duas iniciativas, que evoluíram separadamente. A mais antiga, de intuítos patrióticos, decidira assinalar o sítio do Ipiranga com imponente edifício, comemorativo da Independência Nacional.*

*Oficialmente iniciados os trabalhos preparatórios, a 15 de agosto de 1875, somente em 81, a 3 de abril, o arquiteto T. BEZZI alegrou-se com a aprovação do projeto que elaborara. Ainda se arrastaria a construção, todavia, por dilatado prazo, até que ruísse o Império.*

*Ultimado em 1890, o monumento permaneceu desocupado e sem destino, enquanto jazia mal abrigado o "Museu Sertório". Adquiriu-o o conselheiro F. DE PAULA MAYRINK, que o doou ao Estado.*

*Apesar de cuidado e melhorado pela dedicação e competência de LOEFGREN, que lhe consagrava as horas disponíveis de ocupações mais prementes, mantinha-se acanhado e tolhido em seu desenvolvimento, à mingua de espaço e recursos necessários à sua organização científica. Lei estadual de 1893, porém, prescreveu que se alojasse em Ipiranga o Museu do Estado, cuja direção foi confiada a H. IHERING, por nomeação de 15 de janeiro.*

*Como tivesse que o afeioar aos moldes de estabelecimento destinado a contribuir para o melhor conhecimento de assuntos do ramo, não se apressou em franqueá-lo aos visitantes. Pacientemente, ordenou-lhe as coleções, com o acervo herdado e aquisições de esforçados colaboradores, até que, a 7 de setembro de 1895, pudesse comemorar a data da Independência com a inauguração festiva do Museu Paulista, nome que substituiria o anterior. Puderam, então, os observadores percorrer-lhe as 16 salas, pelas quais se distribuíam os espécimes.*

*Na presença do presidente BERNARDINO DE CAMPOS, secretários de Estado e altas autoridades, não ocultou o contentamento em chefiar o grupo de pesquisadores, que iriam granjear nomeada para a instituição nascente, cujas atividades apontou.*

Não seria simples depósito de amostras colhidas criteriosamente e acondicionadas a preceito.

Também lhe caberia empreender pesquisas, que demonstrassem a contribuição científica dos seus naturalistas.

Nesse ambiente propício, conseguiu o zoólogo desenvolver as suas investigações, que lhe firmaram a nomeada.

Fundou, para divulgação de suas conclusões, a Revista do Museu Paulista, cujo tom inaugural saiu a lume em janeiro de 1896.

O seu nome não deixava de figurar no sumário, às vêzes com mais de um artigo, embora se esforçasse por transmitir aos auxiliares o entusiasmo em que se abrasava.

Predominavam assuntos referentes à zoologia, em que lograra autoridade acatada.

Mas se entregava, por igual, às indagações antropológicas, lembrado dos ensinamentos de VIRCHOW. Não desprezava entretanto, a geografia, em suas várias modalidades, como evidencia a respectiva bibliografia.

Desde o primeiro número, em que historiou as origens do estabelecimento, cuidou de "A Civilização Pré-Histórica do Brasil Meridional", que analisara sagazmente, quando por lá estanciará. No seguinte, arrolou observações referentes à "Ilha de São Sebastião — Exposição Geográfica", para assim evidenciar que se valeria das oportunidades para palmilhar o território paulista, e acentuar-lhe as peculiaridades. Ainda versaria temas correlatos mais de uma vez, a exemplo de

— A distribuição de campos e matas no Brasil, vol. VII.

— Devastação e conservação das matas, vol. VIII.

— A Etnografia do Brasil Meridional, memória apresentada, em 1912, ao XVII Congresso Internacional de Americanistas.

— Os Guaianás e Caingangás de São Paulo, vol. VI.

— O rio Juruá, vol. VI.

A simples lista de títulos atesta o interesse que lhe despertavam os problemas geográficos, analisados com a mesma acuidade aplicada em suas observações de naturalista incomparável.

Id-lhe em meio a tarefa, quando, viúvo, logo após lhe ter sucumbido um dos filhos, ainda ginásiano, em 1906, empreendeu viagem de repouso e cura à Europa, a conselho médico.

Por onde passasse, prestavam-lhe os professores universitários as homenagens ao seu saber.

Por meio de conferências proferidas em Viena, Paris, Milão, Londres, Copenhague, Berlim, mostrou quanto sabia acerca da "natureza exuberante e maravilhosa do Brasil", assinalou FERNANDO DE SOUSA REIS.

De regresso, vinha casado com Dona META BUFF, filha de um dos catedráticos da Universidade de Giessen, e sua conhecida de infância.

Retomou a direção do estabelecimento, em que deixara o filho, RUDOLF VON IHERING, a quem insuf.ou, com o saber, o amor às ciências naturais.

Restituído aos misteres costumeiros, sentia-se estimulado pela ressonância que ao longe verificara ter a sua obra científica.

Fundou, para dilatar o campo de estudos dos seus auxiliares, a Estação Biológica do Alto da Serra, que não tardou a inspirar ensaios apreciados pelos competentes.

Ainda continuaria a trabalhar se, em consequência da guerra européia, não ocorresse, por agosto de 1916, a sua substituição pelo professor ARMANDO DA SILVA PRADO, que, em fevereiro seguinte, passou o exercício ao novo diretor professor AFONSO D'E. TAUNAY.

Discretamente se retirou IHERING para Blumenau, donde, mais tarde, se afastou, a convite da Universidade de Córdoba, que lhe conf.ou a cátedra de zoologia.

Por volta de 1920, porém, cruzou de novo o Atlântico, com destino a Gênova.

Viúvo pela segunda vez, sentiu ir-lhe enfraquecendo a saúde. Não obstante, ainda teve oportunidade de publicar "A História do Oceano Atlântico", e de opinar a respeito da ligação da América do Sul com a África.

Mas, em 1930, octogenário, não resistiu ao mal, que o emudeceu, a 24 de fevereiro.

Embora desligado do Brasil, onde lhe ficara o filho RODOLFO, capaz de lhe continuar a tradição de estudos penetrantes, determinou que o auri-verde pendão o acompanhasse ao túmulo, como símbolo da pátria adotiva. Mas, porém, do que semelhante gesto de simpatia, os seus livros e revistas embebedem-se de amor ao país, onde adquiriu impercível nomeada como zoólogo, antropologista e geógrafo, assim merecendo a inclusão do seu nome ilustre nesta galeria.

VIRGILIO CORRÊA FILHO



*J. von Meisinger*